



PRESS RELEASE

Chega às livrarias no final de julho o novo livro de Paulo Coelho, que marca a volta do mago às origens. De maneira franca e surpreendente, o autor, que já vendeu 135 milhões de exemplares, revela em *O Aleph* como suas dúvidas de fé o levaram a sair à procura de um caminho de renovação e crescimento espiritual. *O Aleph*, a volta de Coelho à não ficção, chega ao mercado com uma tiragem inicial de 200 mil exemplares. O primeiro capítulo do livro está disponível, gratuitamente, no site www.sextante.com.br/oaleph.

“Quando tinha 22 anos, comecei a me dedicar ao aprendizado da magia. Passei por diversos caminhos, andei à beira do abismo, escorreguei e caí, desisti e voltei. Imaginava que, quando chegasse aos 59 anos, estaria perto do paraíso e da tranquilidade absoluta que penso ver nos sorrisos dos monges budistas. Mas a busca da paz tem seu preço, e me pergunto: até onde estou disposto a chegar?”, questiona o autor.

Nessa nova jornada para se reaproximar de Deus, o mago resolve começar tudo de novo: viajar, experimentar, se reconectar às pessoas e ao mundo. Relutante a princípio, Paulo entende que é o momento de deixar a acomodação de lado e voltar a ser peregrino, abrindo-se para o mundo e para novas experiências. E, assim, entre março e julho de 2006, guiado por sinais, ele visita diversos continentes – Europa, África e Ásia – lançando-se em uma jornada através do tempo e do espaço, do passado e do presente, em busca de si mesmo.

Paulo percorre seu terceiro caminho sagrado, depois da transformadora peregrinação a Santiago de Compostela, em 1986, e do perturbador Caminho de Roma, três anos depois. “A viagem não foi para encontrar a resposta que estava faltando na minha vida, mas para voltar a ser rei do meu mundo. Estou de novo conectado comigo e com o universo mágico à minha volta. É isto que faz a vida interessante: acreditar em tesouros e milagres”, explica.

Ao longo da viagem, Paulo vai, pouco a pouco, saindo do seu isolamento, se despindo do ego e do orgulho e se abrindo à amizade, ao amor, à fé e ao perdão, sem medo de enfrentar os desafios inerentes à vida. Paulo reconhece a sabedoria contida nas palavras de seu guia espiritual, J., que o incentivou a sair da acomodação: “Nossa vida é uma constante viagem, do nascimento à morte. A paisagem muda, as pessoas mudam, as necessidades se transformam, mas o trem segue adiante. A vida é o trem, não a estação.”

Durante a travessia da Rússia, o autor conhece uma leitora, Hilal, que acredita ter recebido um chamado para ajudá-lo. A jovem embarca no mesmo trem que o escritor determinada a conquistá-lo – o que ela não sabe é que o amor do presente tem raízes na trágica paixão que os uniu numa vida passada.

A forte conexão entre os dois abre a janela de suas almas e as portas do Aleph – um ponto que contém todo o Universo –, levando-os a outra dimensão, em busca de uma resposta que pode transformar suas vidas. “Estou no Aleph, o ponto onde tudo está no mesmo lugar ao mesmo tempo. Estou em uma janela olhando para o mundo e seus lugares secretos, a poesia perdida no tempo e as palavras esquecidas no espaço. Estou diante de portas que se abrem por uma fração de segundo e logo tornam a se fechar, mas que permitem desvelar o que está escondido atrás delas – os tesouros, as armadilhas, os caminhos não percorridos e as viagens jamais imaginadas”, define o autor.

PINGUE-PONGUE COM PAULO COELHO:

O autor Paulo Coelho respondeu às perguntas abaixo sobre o lançamento de *O Aleph*. Perguntas e respostas podem ser utilizadas por revistas, jornais e sites.

1) Em *O Aleph*, você menciona que em 2006 estava passando por um momento de questionamento de sua fé. O que desencadeou essa crise?

A fé não é algo estático, mas uma dinâmica constante. Um famoso místico alemão já disse que muitas vezes ele estava com muita fé antes de atravessar uma rua, e quando chegava na outra calçada toda a sua devoção havia desaparecido. Portanto, eu não chamaria isso de crise, mas de um comportamento normal, com altos e baixos. Uma fé que se cristaliza perde o seu sentido e se transforma em fanatismo. A fé cresce quando é alimentada pela dúvida e pelos questionamentos interiores. Deus é verbo, Deus é ação – e nosso contato com ele, que chamamos de “fé”, também faz parte dessa ação. Ou seja: minha busca espiritual passa por um questionamento diário, e é isso que a faz mais forte, mesmo que em determinados momentos – como em 2006 – esse período se prolongue por muito tempo.

2) Em determinado momento, você chega a dizer que não se sentia mais perto de Deus. Como você se sente hoje em relação a isso?

O fato de não me sentir perto de Deus em determinados momentos jamais significou que Ele não estivesse ao meu lado todo o tempo. Era apenas uma questão de reconhecer isso – algo de que nunca duvidei. Ou seja, o ser humano, com suas limitações, cria suas fantasias, mas a alma desse mesmo ser humano diz: “Está bem, curta seu momento de fraqueza, mas você sabe que é uma bobagem. Deus jamais lhe abandonou e jamais lhe abandonará.” Com o passar do tempo, essa realidade se impõe.

3) No começo da sua carreira, títulos como *O diário de um mago* e *O alquimista* mostravam bastante seu fascínio pela busca espiritual. Em *O Aleph*, você chegou a pensar que “livros sagrados, revelações, manuais e cerimônias” podiam parecer coisas absurdas e sem efeito duradouro. Você não teve medo de expor esses questionamentos?

Depois que escrevi *O diário de um mago* e fiz a peregrinação a Santiago de Compostela, tive a revelação mais importante da minha vida: o extraordinário reside no caminho das pessoas comuns. Em 1986 eu vinha havia quase 20 anos acreditando nos “segredos, revelações, etc.”, e foi aí que J., meu mestre, deixou bem claro: olhe à sua volta, tudo o que estava oculto está revelado. Dediquei *O Diário de um mago* ao meu guia, com as seguintes palavras: “Quando começamos a peregrinação, eu achei que havia realizado um dos maiores sonhos da minha juventude. Você era para mim o bruxo D. Juan, e eu revivia a saga de Castañeda em busca do extraordinário. Mas você resistiu bravamente a todas as minhas tentativas de transformá-lo em herói. Isto tornou muito difícil nosso relacionamento, até que entendi que o extraordinário reside no caminho das pessoas comuns. Hoje em dia, esta compreensão é o que possuo de mais precioso na minha vida, me permite fazer qualquer coisa e irá me acompanhar para sempre.”

4) A Transiberiana seria sua terceira peregrinação. De que maneira ela se assemelha ao Caminho de Santiago de Compostela?

O Caminho de Santiago era um movimento importante no espaço físico: eu partia do ponto A, chegava ao ponto B, e durante essa viagem encontrava e absorvia tudo o que estava diante de mim. O Caminho de Roma (1989) foi uma peregrinação no tempo: precisei ficar 70 dias no mesmo lugar (nesse caso, Lourdes, na França) e, embora as coisas não “acontecessem” como em uma viagem normal, o fato de não poder me mover além de certos limites obrigou minha alma a ver as mesmas coisas de maneira diferente. O Caminho de Jerusalém (que incluiu a Transiberiana, onde procurei sintetizar toda a experiência ali adquirida) fez com que eu me movesse não apenas no espaço físico, mas também no tempo (trazendo o passado ao presente e levando o presente ao passado). Nunca imaginei que conseguiria escrever a respeito, mas depois de quatro anos amadurecendo a ideia, e sabendo que a melhor maneira que tenho para sedimentar minhas experiências é através da escrita, finalmente consegui.

5) *O Aleph* é um retorno ao livro em primeira pessoa. Quais as diferenças entre escrever ficção e não ficção?

É muito mais difícil escrever não ficção, porque o autor não tem outra escolha a não ser expor publicamente sua alma. Isso nem sempre é agradável, mas é necessário. Como dizia Jesus, “a verdade vos libertará”.

6) Em uma frase, o *Aleph* é um ponto que contém todo o espaço e todo o tempo. Mas o que representa o *Aleph* para você? É apenas um ponto físico ou precisa também ser um encontro de energia?

É muito difícil resumir isso em uma frase. Mas eu diria que o *Aleph* é.

7) Hilal foi seu amor em uma vida passada, mas ela o descreve como seu amor nesta vida. Como você lidou com isso?

Eu estou casado há 30 anos com a mesma mulher, e isso me dá muito mais tranquilidade para enfrentar esse tipo de situação. Também conta o fator idade: o amor exige uma relação apaixonada e madura, que tenho hoje em dia com Christina. Hilal, quando a conheci, tinha 21 anos (embora parecesse mais velha). Conversamos por e-mail recentemente: ela pressentiu que eu estava escrevendo sobre nossa experiência e voltamos a ter contato. Não perguntei sobre sua vida afetiva, mas tenho certeza de que é uma questão de tempo até que ela encontre a pessoa que Deus colocou em sua vida.